

humanitas

Vol. III

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLUME III



COIMBRA

MCML - MCMLI

Para a parte terceira desta obra valiosa — que transcende os limites de um simples manual de epigrafia — reservaram-se as indicações das normas usadas no estudo e na publicação das inscrições. Não fica descuidado o importante índice cronológico destes monumentos gráficos, considerando-se intrinsecamente ligados os aspectos histórico, paleográfico, artístico e literário.

É manifesta a intenção do A., dando ao seu livro um carácter vinicamente didáctico, o que, aliás, se comprova com os diversos apêndices, qual deles o mais útil, em que se referem os imperadores e membros de suas famílias — seus nomes, títulos e cargos —, tudo disposto de forma a permitir ilações cronológicas. Na parte em que se ordenam os nomes dos cônsules ou se dispõem as siglas e abreviaturas, encontramos facilitada a recolha dos dados pretendidos, o que, urna vez mais, confirma o aspecto que o A. imprimiu ao trabalho.

Pela consulta desta prestimosa obra, a primeira que no género se publica na Península, não só fica muito facilitada a interpretação dos textos epigráficos, mas pode ainda o seu estudo ser difundido e ampliado, facto com que muito nos congratulamos.

RUSSELL CORTEZ.

CARL DARLING BUCK—*A Dictionary of Selected Synonyms in the Principal Indo-European Languages*. Chicago, The University of Chicago Press, 1949. xx 41516 - pp.

O valor principal deste livro de Buck é, segundo penso, o haver de servir de base para ulteriores investigações nos domínios escabrosos da etimologia e da semasiología indo-europeias. Dentro das proporções em que foi concebido e levado a cabo, afigura-se-me ser a primeira tentativa no género, tentativa digna de louvor pelo enorme esforço que representa, pela soma de materiais que reuniu, pelas sugestões que na sua leitura os estudiosos certamente colhem e até mesmo pela coragem do ilustre Autor em arrostar as críticas a que uma obra de semelhante envergadura naturalmente dá ocasião. Nada neste mundo é perfeito. Mas as falhas inerentes à confecção de um dicionário desta espécie, não obstante os vinte anos de labor empregados em o redigir, com a colaboração de inúmeros especialistas de várias partes do mundo, em nada infirmam o seu valor intrínseco. Se algumas observações me permito fazer, não é meu intuito amesquinhá-lo; muito pelo contrário,

A primeira observação que me ocorre diz respeito à extensão das áreas linguísticas de cujo vocabulário se dá conta. Segundo o título da obra, tomaram-se em consideração as principais línguas indo-europeias. Mas quais são as *principais* línguas indo-europeias ? Cada um dos parágrafos em que se subdivide a obra insere uma lista de vários idiomas, geralmente trinta e um, entre os quais, a par do avéstico, do grego antigo e moderno, do latim, do eslavo eclesiástico, do bretão, do dinamarquês, figuram outras línguas românicas, mas não figura o português; e no entanto quero crer que ninguém porá em dúvida a importância deste idioma, comparado com outros que lá vêm registados. Não passou despercebido ao Autor o futuro reparo, pois que na Introdução se desculpa, alegando a pouca diferenciação entre o português e o espanhol para omitir a inclusão de vocábulos portugueses, a não ser esporadicamente, quando a diferença é flagrante. Mas porque não adopta o mesmo critério com outros grupos linguísticos tão afins como as duas línguas em questão ? Mesmo assim, o registo de vocábulos portugueses limita-se a um mínimo, quando outros muitos, de uso corrente, conviria apontar, tais como *coelho, pinto, vitelo, fraco, espirrar, cheirar, apalpar, vermelho, caneta* .., que não encontramos nos respectivos parágrafos. E, diga-se de passagem, outras lacunas decerto se poderiam assinalar, não só no caso particular do português, como também no de outras línguas, se o volume fosse enriquecido, no final, com índices alfabéticos dos termos de cada língua incluídos no decurso da obra. Ora estes índices faltam. Sem dúvida a inclusão dos mesmos alargaria demasiado o âmbito da obra, mas esta só teria a lucrar com isso; e nem sempre é fácil a quem consulta orientar-se pelo único índice dos vocábulos ingleses que servem de título a cada um dos parágrafos. Além disso, muitos dos grupos vocabulares poderiam ser mais enriquecidos com termos de origem indo-europeia, de raízes diferentes, e que, por evolução semântica, vieram com o decorrer do tempo a ser tomados como sinónimos.

Mas ou a obra havia de ser exaustiva, e nesse caso não sabemos mesmo se veria a luz do dia, ou forçosamente se teria de reduzir o trabalho de investigação e de registo. Foi o que fez o ilustre Autor. A despeito da sua inegável autoridade no domínio da linguística indo-europeia, recorreu, como acima disse, à cooperação internacional, a fim de apresentar obra séria e solidamente documentada.

Outra observação : o critério da selecção vocabular. Através de mil e quinhentas páginas alinham-se vinte e dois capítulos, subdivididos em parágrafos, que perfazem mil cento e vinte grupos vocabulares, subordi-

dados a títulos indicativos do respectivo âmbito semântico. Não se trata propriamente de um dicionário ideológico ou analógico, logicamente ordenado; deparamos antes com uma série de monografias justapostas, alheias a qualquer sistematização, referentes às principais actividades da vida humana. O Autor, como se pode verificar pela Introdução, mediu bem a dificuldade de organizar a classificação e, uma vez mais, arrostou a crítica, sabendo de antemão que nem todos estariam de acordo com a que ele propõe. Não esqueçamos que compôs uma obra de pioneiro e que os critérios de classificações variam com as pessoas.

Por sinónimos entende o Autor os vocábulos de significação idêntica nas várias línguas, mesmo que procedam de raízes diferentes. É esta uma questão muito delicada. Haverá, de facto, sinónimos, pondo de parte a coexistência de formas divergentes que, aliás, por via de regra, se diversificam no valor semântico? Mas Buck não se prende aqui com o apuramento de conceitos. Não era este o lugar para semelhantes discussões! Segue o critério comum e dentro destes moldes organizou a confecção de cada um dos parágrafos, registando as várias raízes indo-europeias a que se reduz a pluralidade vocabular das várias línguas, bem como, de quando em quando, nem sempre as diferenças semânticas das mesmas raízes. Não se discutem as etimologias duvidosas. Buck, firmando-se nos trabalhos da especialidade, como Pokorny-Walde, Ernout-Meillet, Boisacq, Walde-Hofmann, Meyer-Lübke, Berneker, Lokotsch, etc., limita-se a indicar se a etimologia é certa e admitida ou não. Não pretende mais.

Mantendo-se dentro destes limites, a obra é essencialmente conservativa e oferece aos estudiosos um excelente ponto de partida para cada qual profundar nos respectivos domínios do pensamento e da actividade humana. Pena é que determinadas categorias vocabulares, como, por exemplo, os pronomes e a maioria das partículas indeclináveis, nela não hajam sido enquadradas. Para se ficar formando uma ideia do seu conteúdo, permita-se-nos transcrever os títulos de cada um dos capítulos, acrescentando-lhes, entre parênteses, o número de parágrafos em que se subdivide :

1. O mundo físico nos seus aspectos gerais (49).
2. Género humano: sexo, idade, relações familiares (48).
3. Animais (62).
4. Partes do corpo; funções e condições corporais 197*.
5. Comida e bebida; arte de cozinhar e utensílios (70).

6. Vestuário; adereço pessoal (56).
- 7- Habitação; casa; móveis (24).
8. Agricultura; vegetação (45).
9. Actividades várias e terminologia técnica (86).
10. Movimento; locomoção, transportes e navegação (62).
11. Posse, propriedade, comércio (62).
12. Relações espaciais (68).
13. Quantidade e número (31).
14. Tempo (52).
15. Percepções sensoriais (54).
16. Emoção; noções sobre temperamento, moral e estética (62).
17. Espírito; pensamento (30).
18. Elocução; ler e escrever (42).
19. Divisões territoriais, sociais e políticas; relações sociais (42).
20. Guerra (36).
21. Lei (30).
22. Religião e superstição (32).

A. PINTO DE CARVALHO.

J. B. HOFMANN — *Etymologisches Wörterbuch des Griechischen*.
München, Verlag von R. Oldenburg, 1950.

Podem acaso surpreender as reduzidas proporções deste novo dicionário etimológico grego, principalmente se o compararmos com o conhecido livro similar de Boisacq e com as vastas proporções que o Autor deu à última edição, ainda em curso, do *Dicionário Etimológico Latino* de Walde. Justifica-se o Autor, em curto prefácio, da carência quase completa de aparato científico e da bibliografia, esta reduzida a um mínimo de seis obras fundamentais, pela necessidade de poupar espaço ou, o que vem dar no mesmo, pela necessidade de poupar papel. Não duvido do peso deste argumento, numa época dificultosa como a nossa. Contudo, lastimamos que não tenha sido possível ao Autor enriquecer a sua presente obra com os requintes de erudição e ciência que caracterizam a última edição do dicionário de Walde e que fazem desta obra, não apenas uma reedição, mas uma total remodelação das edições precedentes. Estranhámos, mesmo assim, que não tenha incluído na bibliografia o *Dicionário Etimológico da Língua Latina* de Ernout-Meillet